

O ditongo decrescente <EI> no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre

The decreasing diphthong <EI> in the Portuguese spoken by the quilombo community of Alto Alegre

Gredson dos Santos¹, Jailma da Guarda Almeida²

¹ Doutor em Letras e Linguística. Professor de Linguística da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

E-mail: gredsons@bol.com.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: jailmaalmeida2@hotmail.com.

RESUMO: Trata-se de estudo de cunho Sociolinguístico (LABOV, 2008 [1972]), que investigou a realização variável do ditongo decrescente <EI>, no português falado pela comunidade quilombola de Alto Alegre, pertencente ao município de Presidente Tancredo Neves (a 263 km de Salvador). O ditongo decrescente <EI>, variável em estudo, pode ser realizado na sua forma padrão ou apresentar a forma reduzida com apagamento do *glide*. O *corpus* para estudo foi constituído de 12 entrevistas sociolinguísticas, realizadas com falantes naturais da comunidade, com duração de, aproximadamente, 60 minutos cada, feitas com 6 homens e 6 mulheres, distribuídos em três faixas etárias (I: 20 a 40 anos; II: 41 a 60 anos; III: acima de 60 anos). Foram estudadas as 50 primeiras ocorrências do ditongo <EI>, totalizando amostra de 600 dados. Os dados foram submetidos à análise estatística computacional pelo Programa GOLDVARB X, seguindo princípios postos em Guy e Zilles (2007). As variáveis independentes consideradas como importantes pelo Programa tanto para a realização padrão do ditongo quanto para a monotongação foram: posição em que se encontra a variante, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, característica da consoante subsequente, sonoridade da consoante seguinte, a classe morfológica e faixa etária do informante.

PALAVRAS-CHAVE: Ditongo decrescente<EI>; Análise Sociolinguística; Português Afro-Brasileiro.

ABSTRACT: It is sociolinguistic study (LABOV, 2008 [1972]), which investigated the variable realization of decreasing diphthong <EI>, the Portuguese spoken by the quilombo community of Alto Alegre, in the municipality of Presidente Tancredo Neves (to 263 km from Salvador). The decreasing <EI> diphthong, variable under study can be performed in its default form or present the reduced form, obliterating the glide. The corpus for the study consisted of 12 sociolinguistic interviews conducted with community natural speakers, lasting approximately 60 minutes each, made with 6 men and 6 women, divided into three age groups (I: 20 to 40 years; II: 41 to 60 years; III: over 60). the first 50 occurrences of the diphthong were studied <EI>, a total sample of 600 data. The data were submitted to statistical analysis by computational GOLDVARB X program, following the principles set in Guy and Zilles (2007). The independent variables considered important by the program either for the standard realization of the diphthong as to monophthongization were: position which is the variant, syllable stress, term extension, characteristic of the subsequent consonant, the following consonant sound, the morphological class, and age of the informant.

KEYWORDS: Decreasing diphthong <EI>; Sociolinguistics analysis; Portuguese Afro-Brazilian.

Introdução

Segundo Silva (2010, p. 73), os ditongos “são geralmente tratados com sequência de segmentos. Um dos segmentos da sequência é interpretado como uma vogal e o outro como semivogal ou *glide*”. Ainda segundo a autora, “um ditongo é uma vogal que apresenta uma mudança na qualidade continuamente dentro do percurso da área vocálica” (SILVA 2010, p. 73). Assim, foneticamente, na produção do ditongo há um movimento contínuo e gradual entre duas posições articulatórias vocálicas, situadas numa só sílaba. Na produção do ditongo [ej], por exemplo, a vogal anterior não-arredondada passa de média-alta a alta. Apesar de clara a definição de um ditongo do ponto de vista fonético, fonologicamente o ditongo é compreendido como um fenômeno que gera uma sílaba complexa, podendo ser visto como uma estrutura formada por uma vogal nuclear e acompanhada de uma vogal assilábica ou como uma estrutura formada por uma vogal e travada por um segmento com propriedades consonânticas (ou pelo menos semiconsonânticas).

No português, uma sílaba composta por um ditongo se apresenta variável em determinados contextos, sendo comum a ocorrência de *am[ow]* ao lado de *am[o]*, *goiab[ej]ra* por *goiab[e]ra*, *c[ay]xa* por *c[a]xa*, de modo que a análise da realização variável dos ditongos no português brasileiro é tema de interesse antigo no âmbito da linguística brasileiro, tanto sob a perspectiva da fonologia quanto sob a variacionista/dialetológica.

No que tange ao *status* fonológico do ditongo, por exemplo, Câmara Jr (1977) especula se o *glide* que compõe o ditongo, na estrutura silábica do português, seria um segmento consonantal ou uma vogal assilábica, assumindo esta última posição. Há ainda as análises feitas por Bisol (1989) e (1994), que propõe basicamente que os verdadeiros ditongos, os legítimos, não estariam sujeitos ao cancelamento do glide na estrutura superficial. Gonçalves e Costa (1995), discordando de Bisol (1994), consideram que

a elisão do glide em contextos específicos como “peixe” e “acabou” está relacionada ao fato de que o ditongo, e não apenas a vogal simples, está na estrutura subjacente da sílaba.

Em que pese haver controvérsias sobre o *status* fonológico do *glide* num ditongo, há relativo consenso sobre o fato de que, sendo o ditongo um elemento que torna complexa a estrutura silábica, ramificando rima, ele passa a estar bastante sujeito a simplificações (tais como as consoantes pós-vocálicas /S/, /l/ e /R/ no sistema do português do Brasil). Dentre as abordagens que se interessam pela simplificação fonética do ditongo, diversos trabalhos poderiam aqui ser citados: Mota (1988), um dos primeiros a investigar o tema numa perspectiva dialetológica, a partir de dados do Atlas Linguístico de Sergipe, Paiva (1998ab) e Silva (1997), por exemplo.

Constitui foco de abordagem deste artigo a realização variável do ditongo decrescente [ej] (doravante representada como <EI>) sob o ponto de vista da sociolinguística variacionista, nos termos de LABOV (2008 [1972]), uma corrente que estuda a variação linguística correlacionando dados linguísticos com elementos de natureza social (escolaridade, idade, sexo etc). Nessa perspectiva, a variação de [ej] é vista aqui como um fenômeno estruturado e regulado, influenciado tanto por fatores de ordem linguística (tais como a tonicidade da sílaba ou o contexto consonântico subsequente ao ditongo) quanto por fatores de ordem extralinguística (como a faixa etária dos informantes e origem geográfica).

Desse modo, a pesquisa que aqui se apresenta buscou investigar os fatores linguísticos e sociais governam o fenômeno da redução do ditongo na fala de informantes da comunidade quilombola de Alto Alegre, pertencente ao município de Presidente Tancredo Neves (situado a cerca de 253 km de Salvador).

Considerando que o fenômeno é bastante difundido no PB, ao que parece não estando sujeito a condicionamentos sociais, este estudo investiga se

o português afro-brasileiro, a exemplo do que acontece com a realização de consoantes em coda (SANTOS, 2012; SANTOS e Almeida, 2016), exibiria especificidades frente a outras normas no que tange à monotongação de [ej] em contextos finais a partir da comparação com os resultados apresentados nos trabalhos de Silva (1997), Paiva (1998b), Araújo (1999), Lopes (2002) e Toledo (2011).

Além das hipóteses referentes aos grupos de fatores que estariam condicionando a variável em estudo, a principal suposição é a de que, especialmente, em contextos finais, a comunidade investigada apresentará, mesmo em contextos tidos como desfavorecedores, taxas de apagamento do *glide* muito superiores ao que acontece em outras normas populares que não têm história quilombola.

Além desta *Introdução*, o texto está estruturado em mais três seções: *A variação do ditongo [ej] no português brasileiro; Métodos; Apresentação e discussão dos resultados; Considerações finais e Referências.*

1 A variação do ditongo <EI> no Português brasileiro

A monotongação de <EI> no Português do Brasil é um fenômeno bastante geral, como já documentaram diversas pesquisas. Trabalhos como os de Assis Veado (1983), Mota (1988), Silva (1997), Paiva (1998ab), Lopes (2002), Santos (2006), Faria e Oliveira (2016) e Araújo (2016) estudaram o fenômeno, tanto em áreas rurais como urbanas, considerando normas cultas e/ou populares, a distribuição espacial, social e até a repercussão na escrita de estudantes. Nesses estudos, alguns resultados são coincidentes: em geral, tem sido selecionado como o principal fator linguístico favorecedor, por exemplo, a consoante seguinte (quando esta é uma fricativa palatal ou uma vibrante). Do ponto de vista social, os estudos têm apontado que a monotongação de <EI> não se apresenta como um fenômeno com

evidente estratificação social, apesar de parecer haver maior tendência à monotongação por parte de falantes de menor escolarização, o que foi visto, por exemplo, no estudo de Santos (2006), que, analisando a repercussão do fenômeno na escrita de estudantes do ensino fundamental I, notou que os estudantes do quinto ano apresentam taxas menores de monotongação em testes escritos.

Considerando os estudos supracitados e levando em conta um levantamento sobre o estado da arte feito por Mota (2002) para o GT de Sociolinguística da ANPOLL, as pesquisas até então cobriram um variado conjunto de normas do português brasileiro; entretanto, em nenhum desses estudos se encontram análises que tratem especificamente de comunidades falantes do chamado português afro-brasileiro.

Segundo Lucchesi (2009, p. 81), o português afro-brasileiro é caracterizado sociolinguisticamente como uma realidade heterogênea que faz parte de um *continuum*, em que, em um extremo, se encontram as normas faladas por comunidades rurais afro-brasileiras isoladas e mais afetadas pelo contato entre línguas (aqui está o português afro-brasileiro) e, ao longo dele, encontram-se comunidades rurais, mais nitidamente mistas, com um grande contingente de mestiços e brancos, até alcançar as comunidades com um percentual reduzido de afrodescendentes ou mesmo de índio-descendentes.

Dessa forma compreendido, o português afro-brasileiro é falado por comunidades cuja constituição histórica e a formação étnica é marcada pela presença forte de descendentes dos antigos escravos do empreendimento colonial brasileiro. É o caso da comunidade quilombola de Alto Alegre, pertencente ao município de Presidente Tancredo Neves (a 263 km de Salvador), que forneceu os dados que serão apresentados mais à frente.

A importância de um estudo variacionista sobre a monotongação em uma comunidade de fala afro-brasileira tal como a que se analisa neste

trabalho reside no fato de que uma caracterização da variação fonética nessas comunidades ainda está por ser feita, já que, em geral, os estudos que se fizeram até agora sobre essas comunidades, no âmbito do português brasileiro, têm ficado no domínio da morfossintaxe.

Diante disso, pois, este artigo, ao propor uma análise da monotongação de <EI> no português quilombola de Alto Alegre, dá continuidade à proposta feita por Santos (2012) de que os debates sobre a constituição do português afro-brasileiro precisam ser estendidos ao domínio da variação fônica. A escolha da monotongação de <EI> para o estudo se justifica especialmente por um motivo, que se desdobra também em um problema de investigação: o fenômeno é amplamente difundido no PB, apresentando comportamento tão geral que, em tese não é sensível a fatores de ordem social. Diante disso, conforme posto acima, surge a questão sobre se o português afro-brasileiro, a exemplo do que acontece com a realização de consoantes em coda (SANTOS, 2012), exibiria especificidades frente a outras normas no que tange à monotongação de <EI>.

Cabe ainda dizer que reconhecemos que o *status* fonológico do *glide* que compõe o ditongo, pode ser visto sob diferentes óticas, tais como a de Câmara Jr. (1977), a de Bisol (1989, 1994, 2013) e a de Gonçalves e Costa (1995). Nessas análises, a discussão se concentra na possibilidade de o *glide* ser interpretado na subjacência como um segmento com propriedades consonantais, assim como uma consoante em coda, ou como uma vogal assilábica. Consideramos que um amplo exame de como se configura a variação de [ej] em comparação com segmentos consonantais que ocupam a coda pode lançar luz sobre a questão.

Assim como em outras normas do português brasileiro (PB), especialmente nas normas populares, o ditongo decrescente <EI>, na comunidade de Alto Alegre, apresenta um comportamento variável, podendo ser realizado na sua forma padrão ou apresentar a forma reduzida com apagamento do glide

como em *cacho[ej]ra* ~ *cacho[e]ra*; *d[ej]x[ej]* ~ *d[e]x[ê]*; *cas[ej]* ~ *cas[ê]*. Na seção que segue, apresentar-se-ão os procedimentos que permitiram a coleta e análise dos dados que serão apresentados neste trabalho.

2 Métodos

Conforme já destacado, a pesquisa buscou investigar: a) os fatores linguísticos e sociais que governam o fenômeno da redução do ditongo <EI> na fala de informantes da comunidade Alto Alegre. O trabalho também observa se é possível identificar um padrão de variação que distinga a comunidade em relação a outras normas populares do português a partir da comparação com os resultados de outros estudos antes referidos.

A variação do ditongo, seguindo modelo proposto pela Sociolinguística Variacionista, é representada, neste trabalho como <EI>, já que essa notação indica uma regra de variação, um fenômeno variável. Assim, a variável dependente <EI>, em estudo, tem como variantes: 1) a realização considerada padrão [ej]; 2) o apagamento do *glide* [e∅].

As entrevistas que serviram de base para esta pesquisa foram coletadas, no ano de 2013, no âmbito das pesquisas realizadas pelo *Grupo de Estudos do Português Popular da Bahia* (<<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0432317362647275>>), sediado no Centro de Formação de Professores da UFRB.

O *corpus* para estudo constituiu-se de 12 entrevistas sociolinguísticas, com duração de, aproximadamente, 50 minutos cada, feitas com seis homens e seis mulheres, escolhidos aleatoriamente, distribuídos igualmente em três faixas etárias (20 a 40 anos; 41 a 60 anos; mais de 60 anos). Foram estudadas as 50 primeiras ocorrências do ditongo decrescente [ej], totalizando amostra de 600 dados, que, vistos como um sistema de regras variáveis, foram submetidos à análise estatística multivariada pelo Programa GOLDVARB X.

Para que os dados fossem submetidos à análise do GOLDVARB X, foram considerados os princípios metodológicos postos em Guy e Zilles (2007). Inicialmente, as ocorrências da variável foram divididas em três contextos: 1) interior de vocábulo (como acontece em palavras como “peixe” e “dinheiro”); 2) em final de vocábulo seguido de consoante que inicia a palavra posterior (como em “deixei maria sair”); 3) em posição final de vocábulo seguido de pausa, contexto chamado aqui de final absoluto (como em “eu falei”). Uma vez que, distribuídas nesses três contextos as ocorrências se apresentaram em número limitado para a análise pelo GOLDVARB X, esses contextos passaram a ser considerados como um grupo de fatores e as ocorrências foram analisadas em um arquivo só.

Assim, as variáveis independentes foram separadas em linguísticas e extralinguísticas. Nas próximas subseções, à medida que os resultados forem sendo exibidos, os fatores que compõem cada variável considerada serão detalhados. Em termos gerais, as **variáveis linguísticas** definidas foram: 1) Posição em que ocorre a variante; 2) tonicidade da sílaba em que ocorre a variável; 3) extensão do vocábulo; 4) características da consoante ou vogal antecedente; 5) sonoridade da consoante antecedente; 6) características da consoante ou vogal seguinte; 7) sonoridade da consoante seguinte; 8) localização do ditongo na estrutura; 9) classe morfológica do vocábulo. As **variáveis extralinguísticas** foram: 1) faixa etária dos informantes; 2) sexo dos informantes.

Na seção que se seguira serão apresentados e discutidos os resultados encontrados.

3 Apresentação e discussão dos resultados

Nesta seção, serão detalhados os resultados estatísticos encontrados a partir do tratamento dos dados com o auxílio do Programa Godvarb X.

3.1 Distribuição geral dos dados

Os números que serão apresentados pela **Tabela 1** mostram os índices totais de ocorrência da variável dependente.

Tabela 1 – Distribuição das variantes no *corpus*

| Variantes | Nº/Total | % |
|--------------|----------|------|
| [ej] | 239 | 39,8 |
| [e] | 361 | 60,2 |
| Total | 600 | 100 |

Como se pôde observar, a realização padrão do ditongo ficou 39,8% das ocorrências e a monotongação (apagamento do *glide*) ficou com 60,2%. Conferidos em perspectiva geral, esses números exibem uma realidade que é similar ao que diversas pesquisas têm apontado para a monotongação de <EI> no português do Brasil: ela não é categórica, mas é bastante forte e está se consolidando, a ponto de a realização monotongada já ser majoritária, sobretudo em normas populares como a de Alto Alegre.

3.2 O encaixamento na estrutura linguística

As subseções que seguem apresentarão resultados referentes às variáveis linguísticas independentes. A fim de que a exposição não fique muito longa e para evitar a redundância na apresentação dos resultados, serão enfatizados os resultados referentes à monotongação de <EI>. Os dados da realização padrão do ditongo serão apresentados no corpo do texto, sem detalhamento em tabelas.

3.2.1 A realização do ditongo <EI>

Para a manutenção do ditongo <EI>, o programa selecionou as seguintes variáveis independentes como as que contribuem para essa realização:

posição em que se encontra a variante, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, característica da consoante subsequente, sonoridade da consoante seguinte, a classe morfológica. A **Tabela 2** exhibe dados gerais da influência da posição tanto para a realização da forma padrão do ditongo quanto para o apagamento.

Tabela 2 – Posição em que ocorrem as variantes no *corpus*

| Posição | [ej] | | | [e] | | | Totais | |
|--|------|------|------|-----|------|------|--------|------|
| | N | % | P.R. | N | % | P.R. | N | % |
| Interior de vocábulo | 79 | 19,9 | 0,25 | 318 | 80,1 | 0,75 | 397 | 66,2 |
| Final de vocábulo seguido de consoante | 109 | 74,7 | 0,80 | 37 | 25,3 | 0,20 | 146 | 24,3 |
| Final absoluto de vocábulo | 51 | 89,5 | 0,98 | 6 | 10,5 | 0,2 | 57 | 9,5 |

Input: 0.155; log probabilidade: -105.431; significância: 0.009.
P.R. = peso relativo.

A **Tabela 2** mostra os dados gerais sobre a posição que se encontra o ditongo. Posto como grupo de fator, a posição que se encontra a variante foi considerada pelo programa GOLDVARBX como sendo o fator mais importante para a manutenção ou apagamento do glide. O programa considerou que o ditongo tende a ser mantido quando se encontra em final de vocábulo seguido de consoante (*não plant[ej] cravo* ainda não), com 74,4% das realizações, e em final absoluto de vocábulo (*gost[ej], s[ej]*), com 89,5% das ocorrências. A tabela também evidencia a monotongação tende a ser mais frequente se o contexto for o interior de vocábulo (*cachu[ej]ra ~ cachueøra*) – principalmente diante de contexto consonantal específico, como será mostrado mais à frente – com 79,9% das realizações nesta posição. Em final de vocábulo seguido de consoante, o apagamento atinge 25,3% e, em final absoluto de vocábulo, 10,5%.

No que tange à **variável tonicidade da sílaba em que ocorre a variável**, quando se considera a realização padrão do ditongo, a análise estatística mostrou que o contexto átono (basicamente pré-tônico) é favorecedor da manutenção do ditongo. Palavras como *leitura, refeição, aproveitar*, em que ditongo está localizado em sílaba átona, com peso relativo de 0,85, favorecem a realização do glide. Esses resultados diferem dos de Paiva (1998b), que observou que a tonicidade não influenciou na manutenção nem no apagamento do glide, e do de Silva (1997) que observou que a sílaba pré-tônica é favorecedora da monotongação.

Quanto à **variável extensão do vocábulo**, o programa mostra que palavras curtas como *s[ej]s* (seis), *d[ej]* (dei) e *r[ej]* (rei), isto é, palavras monossilábicas, com peso relativo 0,85, tendem a conservar o ditongo, enquanto as palavras dissilábicas e polissilábicas desfavorecem a realização do ditongo. Paiva (1998b) encontrou produtiva manutenção em palavras curtas. A autora afirma que “uma provável explicação para esse fato seria que as palavras monossilábicas estariam menos sujeitas a apagamentos em decorrência da alta probabilidade de encontrar homônimos depois da supressão” (PAIVA, 1998b, p. 3).

Considerando a influência da **variável consoante ou vogal subsequente** para a realização do ditongo, a análise revelou que são favorecedoras as consoantes oclusivas bilabiais (0,99), oclusivas alveolares (0,98), fricativas alveolares (0,98), fricativas velares (0,97), nasal labial (0,97), nasal alveolar (0,97), oclusivas alveolares (0,97), fricativas labiodentais (0,88), lateral (0,83), e a vogal posterior alta (0,60). Embora tenhamos optado por não agrupar as consoantes e as vogais a partir dos seus traços, os nossos resultados não são, em termos gerais, diferentes dos de Toledo (2011), que observou que consoantes labiais, nasais, alveolares e velares desfavorecem a monotongação de <EI>.

Para submeter à análise do programa GOLDVARB X, estabeleceu-se para a **variável sonoridade do segmento subsequente** ao ditongo três fatores: vogais, consoante sonora e consoante não-sonora. A divisão foi feita considerando o fato de as vogais serem elementos sonoros, *além do fato de o tipo de vogal não ter se mostrado importante como fato separado*. Assim, a análise mostrou que são as vogais que seguem a variante [ej], como nos exemplos *meia*, *puxei a energia*, que influenciam a manutenção do ditongo, atingindo um peso relativo de 0,96. As consoantes sonoras aparecem em uma posição neutra, com peso relativo de 0,49, e as consoantes não sonoras desfavorecem a realização do ditongo, com peso de 0,40.

Quanto à **variável classe morfológica do vocábulo**, a análise mostrou que são os determinantes, como em s[ej]s, dezess[ej]s, com peso relativo de 0,82 que influenciam na manutenção do ditongo. Os nominais (adjetivos e substantivos) apresentam um peso relativo de 0,53. Embora outros trabalhos tenham verificado esse fator, a posição assumida aqui é a de que, os resultados referentes ao fator classe morfológica do vocábulo não revelam um real condicionamento linguístico do fenômeno, já que é fortuita a ocorrência das classes dos vocábulos ao longo da entrevista gravada e, conseqüentemente, da amostra analisada.

3.2.2 A monotongação do ditongo <EI>

Para a monotongação de <EI>, o programa selecionou as seguintes variáveis linguísticas independentes como as que contribuem para essa realização: posição em que se encontra a variável, tonicidade da sílaba, extensão do vocábulo, característica da consoante subsequente, sonoridade da consoante seguinte, a classe morfológica. Veja-se a **Tabela 2** para o exame do grupo de fatores posição em que se encontra a variável.

Tabela 3 – Influência da *tonicidade da sílaba* em que ocorre a variável para a não realização do ditongo na comunidade de Alto Alegre

| Tonicidade da Sílaba | Aplicação/Total | % | Peso Relativo |
|----------------------|-----------------|------|---------------|
| Tônica | 315/533 | 59,1 | 0,55 |
| Átona | 46/67 | 68,7 | 0,14 |
| Total | 361/600 | 60,2 | |

Input: 0.845; log probabilidade: -105.431; significância: 0.009.

Os números apresentados na **Tabela 3** mostram que as sílabas tônicas, com peso relativo de 0,55, favorecerem, ainda que levemente, a não realização do ditongo. O resultado é similar ao de Araújo (1999), que observou serem as sílabas tônicas (com peso relativo de 0,71) mais sensíveis à monotongação do que as sílabas átonas (com peso de 0,20). Comparando os números da **Tabela 3** com o que se disse sobre a influência da variável tonicidade da sílaba para a realização padrão do ditongo (que evidenciou que as sílabas átonas influenciam na manutenção do ditongo), nota-se que os resultados aqui apresentados se mostram coerentes, embora os resultados para esse fator não se apresentem sempre idênticos quando se comparam diferentes estudos.

Tabela 4 – Influência da variável *extensão do vocábulo* para a realização para a não realização do ditongo na comunidade de Alto Alegre

| Extensão do Vocábulo | Aplicação/Total | % | Peso Relativo |
|----------------------|-----------------|------|---------------|
| Dissílabo | 97/164 | 59,1 | 0,71 |
| Polissílabo | 256/309 | 82,8 | 0,57 |
| Monossílabo | 8/127 | 6,3 | 0,12 |
| Total | 361/600 | 60,2 | |

Input: 0.845; log probabilidade: -105.431; significância: 0.009.

Como esperado, a **Tabela 4** mostra que são os vocábulos dissilábicos, com peso relativo de 0,71, e os polissilábicos, com peso relativo de 0,57, que influenciam o apagamento do ditongo. Em outras palavras, quando se observa que os vocábulos monossilábicos são os mais propícios à manutenção do ditongo, isso significa que quanto mais material fônico tiver o vocábulo, mais propenso ele está à perda de segmentos. No entanto, não se perca de vista o fato de que houve oito ocorrências da forma verbal *sei* realizada sem a semivogal ([se]), em expressões como “sei lá”, “não sei pra que” ou “sei não”. Nos trabalhos que tratam da realização do ditongo na norma culta (TOLEDO, 2011) e mesmo nas normas populares, a exemplo de Lopes (2002), o apagamento do *glide* em monossilábicos é fenômeno raríssimo ou não documentado.

Tabela 5 – Influência da variável *consoante ou vogal subsequente* para a não realização do ditongo na comunidade de Alto Alegre

| Tipo de Consoante | Aplicação/Total | % | Peso Relativo |
|-------------------------|-----------------|-------------|---------------|
| Tepe | 239/241 | 99,2 | 0,96 |
| Posterior média-fechada | 1/1 | 50 | 0,70 |
| Central baixa | 11/19 | 57,9 | 0,58 |
| Africadas | 35/40 | 87,5 | 0,51 |
| Posterior alta | 1/5 | 16,7 | 0,39 |
| Lateral | 3/8 | 37,5 | 0,14 |
| Fricativa labial | 6/11 | 54,5 | 0,11 |
| Nasal labial | 3/15 | 20 | 0,02 |
| Nasal alveolar | 2/8 | 25 | 0,02 |
| Oclusivas velares | 7/17 | 57,9 | 0,02 |
| Fricativas velares | 3/22 | 13,6 | 0,02 |
| Oclusivas bilabiais | 2/15 | 13,3 | 0,01 |
| Oclusivas alveolares | 9/80 | 11,2 | 0,01 |
| Fricativas alveolares | 1/5 | 7,4 | 0,01 |
| Total | 361/600 | 60,2 | |

Input: 0.845; log probabilidade: -105.431; significância: 0.009.

Como está posto na Tab. 5, é a consoante tepe (0,96), com em *pandei[r]* o ~ *pandøro*, *cachoei[r]*a ~ *cachøra*, *brincadei[r]*a ~ *brincadøra*, a vogal posterior media-fechada (0,70), a central baixa (0,58), as consoantes africadas (0,51) que influenciam o apagamento do ditongo, enquanto as demais consoantes e vogais desfavorecem o apagamento do *glide*. Nesse aspecto, diversos trabalhos têm relatado resultados semelhantes, sobretudo em relação à consoante tepe. Araújo (1999), por exemplo, encontrou resultados semelhantes ao posto aqui. A autora mostra que o tepe teve peso relativo de 0,85 e a vogal central baixa teve peso relativo 0,61 favorecedor ao apagamento. Lopes (2002) também mostra em seus resultados que o tepe é o segmento fonético seguinte mais determinante na supressão de [y] (0,99). Segundo Bisol (1994), “a ausência do glide é quase categórica quando a consoante seguinte é uma palatal ou uma vibrante simples”. Nesse sentido, é possível dizer que os números exibidos aqui reforçam o que as pesquisas anteriores mostraram: o tepe é o principal condicionante para a monotongação de [ej].

Tabela 6 – Influência da variável *sonoridade do segmento subsequente* para a não realização do ditongo na comunidade de Alto Alegre

| Sonoridade do Segmento | Aplicação/Total | % | Peso Relativo |
|------------------------|-----------------|-------------|---------------|
| Consoante Não-sonora | 90/199 | 45,2 | 0,59 |
| Consoante Sonora | 254/318 | 79,9 | 0,50 |
| Vogal | 11/26 | 42,3 | 0,03 |
| Total | 361/600 | 60,2 | |

Input: 0.845; log probabilidade: -105.431; significância: 0.009.

Para a manutenção do ditongo, vimos que foram as vogais – elementos sonoros por natureza – os principais elementos favorecedores da realização de [ej]. No que tange à monotongação, os números da **Tabela 6** mostram que são as consoantes desvozeadas, com peso relativo de 0,59, que favorecem

o apagamento. Já as consoantes sonoras aparecem em uma posição neutra com peso relativo de 0,50.

Tabela 7 – Influência da variável *classe morfológica do vocábulo* para a não realização do ditongo na comunidade de Alto Alegre

| Classe | Apl.icação/Total | % | Peso Relativo |
|---------------|------------------|------|---------------|
| Verbos | 67/169 | 39,6 | 0,83 |
| Advérbios | 5/52 | 9,6 | 0,81 |
| Nomes | 261/314 | 83,1 | 0,31 |
| Determinantes | 28/65 | 9,6 | 0,17 |
| Total | 361/600 | 60,2 | |

Input: 0.845; log probabilidade: -105.431; significância: 0.009.

Para a manutenção do ditongo, conforme visto anteriormente, os nomes e os determinantes, foram selecionados como importantes. Para a monotongação de <EI>, entretanto, o programa mostra que são os verbos (0,83), como em *casêø* (casei), *gostêø* (gostei), *deøxa* (deixa) e advérbios (0,81), os favorecedores da monotongação.

Após a apresentação dos resultados das variáveis linguísticas e do exame dos fatores linguísticos que se mostraram favorecedores para a realização do ditongo ou para a sua monotongação, um aspecto merece destaque: no que tange aos condicionamentos linguísticos tanto para a manutenção quanto para a monotongação de <EI>, os dados de Alto Alegre se mostram similares aos que examinamos nos demais trabalhos aqui referidos. Consideramos que isso se deve ao fato que, sendo um fenômeno já bastante geral no português brasileiro, tanto nas normas cultas quanto nas populares, é de se esperar que, no aspecto estrutural, a comunidade de fala de Alto Alegre exiba padrões de variação similares às demais normas do português brasileiro.

No que tange a um encaixamento estrutural da variável, só um exame mais aprofundado poderá associar o apagamento do *glide* aos mesmos

condicionamentos que motivam os processos de enfraquecimento das consoantes pós-vocálicas do português, reforçando, com isso, do ponto de vista fonológico, o caráter consonantal do elemento, na linha do que discutem Câmara Jr. (1977), Bisol (1989, 1994, 2013) e Gonçalves e Costa (1995). Resta-nos agora saber se, quanto ao encaixamento, social, a comunidade apresentará resultados significativamente distintos dos exibidos em outras normas populares.

3.3 O encaixamento social das variantes

A seguir, serão apresentados os resultados que consideram as especificidades extralinguísticas da comunidade de fala em análise.

3.3.1 Situando a comunidade de fala

A fim de estabelecer uma correlação da variação de <EI> com a configuração social da comunidade Alto Alegre, necessário se faz apresentar, ao menos em termos gerais, a comunidade de fala que forneceu os dados estudados neste artigo. Observe-se, para isso, a **Figura 1**, adiante.

Situada em terras bem altas e de acesso difícil, a comunidade de Alto Alegre fica localizada na zona rural de Presidente Tancredo Neves (PTN), no Baixo Sul da Bahia. O município, conforme mostra o mapa, fica situado no Território de Identidade do Baixo Sul. A cidade era um distrito de Valença-Ba, tendo sido emancipado em 24/02/1989. Portanto, é nesse contexto geográfico de influência de Valença e da Costa do Dendê que se podem encontrar as raízes culturais e históricas mais profundas da comunidade de Alto Alegre.

Antes conhecido como Tabuleiro de Liberina (1940), segundo dados do IBGE (<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=292575>), o município teve início com uma barraca de palha que ficava às margens da estrada que ligava as propriedades rurais à cidade de Valença, Nazaré e

Figura 1 – Localização geográfica do Município de Presidente Tancredo Neves



Fonte: IBGE.

Aratuípe. Essa barraca, primeiro ponto comercial, pertencia a uma Senhora de nome Liberina, onde ali vendia alimentos e bebidas aos tropeiros que transportavam cargas em lombo de animais para as cidades acima citadas. Posteriormente o senhor José Pereira, proprietário da Fazenda Paraíso, passou a morar no povoado dando-lhe nome de Itabaína.

Em 2008, Alto Alegre, que faz parte de um conjunto de oito comunidades quilombolas situadas nas áreas rurais de PTN e de outros municípios vizinhos, foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como sendo uma comunidade remanescente de quilombo. Segundo o Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Território Baixo Sul da Bahia, a comunidade tem cerca de

102 famílias que somam no total uma população de 378 habitantes. Os primeiros moradores da comunidade, filhos de ex-escravizados ligados às fazendas de Valença, chegaram no início do século XX, via Estrada Velha, como empregados de um fazendeiro italiano chamado Carlos Monza, conforme consta dos relatos dos informantes mais velhos. Atualmente, a comunidade vive da produção do cravo e de outros excedentes da produção agrícola que são comercializados às quartas-feiras e aos sábados na feira livre da sede do município. A produção de cravo, que mobiliza praticamente todos os membros da comunidade, desde sempre foi a principal atividade econômica dos moradores de Alto Alegre e das comunidades vizinhas. Destaque-se nesse particular que aos jovens cabe hoje maior integração com a sede do município, o que ficou evidenciado no fato de ser um jovem de 25 anos o presidente da associação que representa os moradores de Alto Alegre. Com base nessas informações, as tabelas a seguir podem ser analisadas.

As entrevistas gravadas na comunidade foram realizadas por integrantes do *Grupo de Estudos do Português Popular da Bahia*, no âmbito da pesquisa de iniciação científica *A coda silábica no português falado na comunidade quilombola de Alto Alegre: análise sociolinguística* (CNPQ/UFRB).

3.3.2 A realização de <EI>

Tabela 8 – Influência da variável *faixa etária* para a realização do ditongo na comunidade de Alto Alegre

| Faixa Etária | Aplicação/Total | % | Peso Relativo |
|--------------|-----------------|------|---------------|
| 1 | 107/201 | 53,2 | 0,82 |
| 2 | 81/199 | 40,7 | 0,46 |
| 3 | 51/200 | 25,5 | 0,19 |
| Total | 239/600 | 39,8 | |

Input: 0.155; log probabilidade: -105.431; significância: 0.009.

Como se pode observar na **Tabela 8**, são os informantes mais jovens, ou seja, os da faixa etária I, com peso relativo 0,82, que mais favorecem a realização do ditongo, enquanto os informantes da faixa etária III, com peso relativo de 0,19, desfavorecem fortemente essa realização.

3.3.3 A monotongação de <EI>

Tabela 9 - Influência da variável *faixa etária* para a não realização do ditongo na comunidade de Alto Alegre

| Faixa Etária | Aplicação/Total | % | Peso Relativo |
|--------------|-----------------|------|---------------|
| 3 | 149/200 | 74,5 | 0,81 |
| 2 | 118/199 | 59,3 | 0,54 |
| 1 | 94/201 | 46,8 | 0,17 |
| Total | 361/600 | 60,2 | |

Input: 0.845; log probabilidade: -105.431; significância: 0.009.

Como mostra a **Tabela 9**, são os falantes da faixa etária mais velha, com peso relativo de 0,80 que mais realizam a monotongação. Os falantes da faixa etária intermediária, estão em uma posição neutra (0,54) e os falantes da faixa etária mais jovem desfavorecem fortemente a monotongação.

Se é certo que as tabelas indicam que há um quadro em mudança em progresso, segundo o qual os mais jovens, mais integrados que estão à sede do município, tendem a exibir marcas cada vez mais próximas dos modelos urbanos e mais distantes do modelo dos falantes mais idosos da comunidade, um olhar mais atento aos exemplos revela especificidades nesse quadro.

Alguns trabalhos, como os já citados anteriormente, afirmam que a manutenção do *glide* em final de vocábulo é categórica. Em Alto Alegre, entretanto, especialmente na boca dos informantes da faixa 3, podem ser

encontrados exemplos tais como: “*dexê até samba*”, “*gostê, rapai*”, “*separê de animá*”, “*consurtfê com Mariri*”, “*ajudê fazer*”, “*eu gostfê*”, “*eu passê*”, “*me casê*”. Esses dados revelam que a elisão do *glide* em contextos resistentes (e que não são os mais comuns nas comunidades de fala investigadas pelos estudos apontados anteriormente) mostra uma particularidade da comunidade de Alto Alegre.

Embora os percentuais de apagamento do *glide* em final de vocábulo seguido de consoante e em final absoluto de vocábulo possam ser considerados baixos em comparação com as ocorrências em interior de vocábulo, trabalhos como o de Mota (1986), Lopes (2002) e Toledo (2011) mostram que, em final de vocábulo, a conservação do ditongo é categórica. Em Alto Alegre, a taxa de apagamento do *glide* em final de vocábulo seguido de consoante atinge 25,3%, ao passo que, em final absoluto de vocábulo, a taxa vai a 10,5%. Considerando os demais trabalhos supracitados, uma taxa de 10,5% de elisão do *glide*, num contexto considerado impeditivo, pode ser considerada bastante alta, especialmente pelo fato de que, nas outras normas, os estudos têm revelado que a manutenção do *glide* é categórica nessas posições.

O fato de a monotongação ser variante preferencial dos falantes mais idosos e de os falantes da faixa etária 1 a rejeitarem revela, portanto, que a variação de <EI> na comunidade exibe um quadro de mudança em progresso uma vez que os jovens estão abandonando as formas mais marcadas da comunidade e estão indo em direção aos modelos das normas mais urbanas, que tendem a monotongar menos e evitar a monotongação em palavras curtas e nomes próprios. Isso por si só já é suficiente para situar a comunidade no conjunto das tendências de mudanças porque estão passando as comunidades de fala afro-brasileira que tiveram um passado de intenso contato entre línguas (Cf. LUCCHESI, 2001). Uma última observação

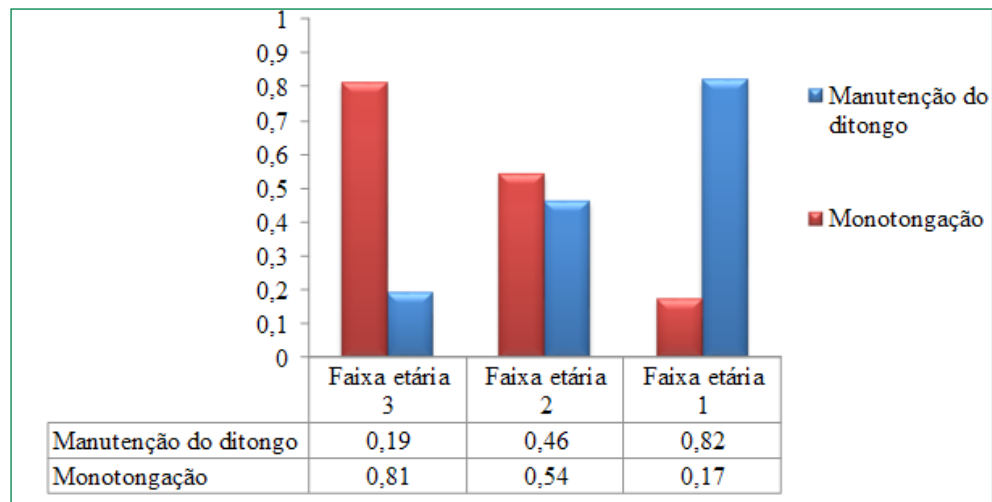
que se prestará a investigações futuras por parte dos autores deste artigo é a de que a ocorrência expressiva da monotongação em contextos silábicos evitados por outras comunidades de fala é análoga ao que as pesquisas de Santos (2012), Almeida (2016) e Almeida e Santos (2016) têm encontrado para a variação de consoantes em coda silábica.

Considerações finais

O principal objetivo deste artigo foi apresentar o quadro de variação do ditongo decrescente <EI> na comunidade quilombola de Alto Alegre, com o fim de promover o conhecimento do fenômeno em uma comunidade de fala do português afro-brasileiro e, seguindo o que propôs Santos (2012), estender, em alguma medida, o debate sobre a constituição histórica do português ao domínio da variação fônica.

Os resultados mostraram que: a) em final de vocábulo seguido de consoante, a realização padrão do ditongo ficou com 74,7% e em final absoluto de vocábulo atingiu 89,5%. Em interior de vocábulo, apresentou apenas 19,9% das realizações; b) a monotongação, em interior de vocábulo, atingiu 80,1%; em final de vocábulo seguido de consoante, 25,3%; em final absoluto de vocábulo, 10,5% das ocorrências.

Embora trabalhos como o de Mota (1986), Lopes (2002) e Toledo (2011), mostrem que existe uma tendência à conservação do ditongo em posições finais, em Alto Alegre há uma taxa considerada alta de apagamento do *glide* tanto em final de vocábulo seguido de consoante (25%) quanto em final absoluto de vocábulo (10,5%), fator considerado, pelo GOLDVARB X, como importante para a não realização do ditongo. O **Gráfico 1** faz um resumo da tendência de variação de <EI> em Alto Alegre considerando a distribuição etária.

Gráfico 1 – Variação de <EI> em Alto Alegre segundo a faixa etária

O **Gráfico 1** deixa evidente que os falantes mais velhos são os que mais realizam a monotongação, distanciando-se fortemente dos falantes mais jovens que dão preferência a realização padrão do ditongo, quadro que está em conformidade com as tendências gerais de variação do português afro-brasileiro nos termos de Lucchesi (2001 e 2009).

Referências

ALMEIDA, Jailma da Guarda. *Uma análise sociolinguística do <S> em coda silábica no português falado pela comunidade quilombola Alto Alegre-Ba*. 91 f. il. 2016. Monografia – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-BA, 2016.

ARAÚJO, Maria Francisca Ribeiro de. *A monotongação do ditongo decrescente [ej] no português caxiense*. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/8383/7204>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

ASSIS VEADO, Rosa Maria. Redução de ditongos: uma regra variável. *Ensaio de Linguística*. Belo Horizonte: UFMG, v. 7, n. 1, p. 215-234, 1983.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.

BISOL, Leda. O ditongo em português. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*. São Paulo, n. 11, p. 51-58, 1991.

BISOL, Leda. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 10, n. esp., p. 123-140, 1994.

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: CASTILHO, Ataliba t. de; ABAURRE, Maria Bernadete M. *A construção fonológica da palavra*. Vol. VII: Gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1977.

FARIA: OLIVEIRA. *A variação fonética dos ditongos [ej] e [ow] no nordeste do Pará*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9%2827%2912.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V. Ditongos decrescentes: variação e ensino. *Revista de Estudos da Linguagem*, ano 6, n. 05, p. 159-192, jan.-jun. 1997.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V.; COSTA, Raquel Romankevicius. Sobre a interpretação fonológica dos ditongos em português. In: GONÇALVES, C. A.; RONCARATI, C. (Org.). *Anais do V Congresso da ASSEL-Rio*. Rio de Janeiro: UFF, 1995. Vol. 1, p. 141-148.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOPES, Raquel. *A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira-PA*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão linguística e o processo de formação do português do Brasil. In: ROCANTI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português bra-*

sileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 272-284.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil, *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001.

MOTA, Jacyra. Variação entre /ej/ e /e/ em Sergipe. In: FERREIRA, C. et al. *Diversidade no português do Brasil: estudos de Dialectologia rural e outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático/UFBA, 1998. p. 143-148.

MOTA, Jacyra. *Monotongaço/ditongaço: estado da arte*. XIX ENANPOLL, 30/06-01/07, 2002. [Texto não publicado].

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Atuação das variáveis sociais na supressão da semivogal anterior nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998a. p. 327-335.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998b. p. 219-236.

SANTOS, Gredson. *O português afro-brasileiro de Helvécia-Ba: análise da variável <s> em coda silábica*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTOS, Gredson dos. *Variação fonética em estudantes residentes em áreas rurais da Bahia*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SANTOS, Gredson; ALMEIDA, Jailma da Guarda. Aspiração e apagamento de S em coda silábica no português quilombola de Alto Alegre-BA. *Papia*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 101-112, jan./jun. 2016.

SILVA, Fabiana de Souza. *O processo de monotongaço em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.

SILVA, Taís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2010.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. *A monotongaço do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontado de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

Recebido em 23/08/2016.

Aceito em 27/01/2017.